

PROPOSTA DE UMA PERFORMANCE ANALITICAMENTE INFORMADA DA EXPOSIÇÃO DO PRIMEIRO MOVIMENTO DO CONCERTO ITALIANO BWV 917 DE J. S. BACH¹

Samuel dos Santos Machado², Guilherme Antonio Sauerbronn de Barros³

¹ Vinculado ao projeto “Heinrich Schenker: análise, teoria e performance”

² Acadêmico do Curso de Música – CEART – Bolsista PROBIC

³ Orientador, Departamento de Música – CEART – guilherme.barros@udesc.br

Trata-se de uma proposta de performance analiticamente informada da exposição do primeiro movimento do Concerto Italiano BWV 971 de J. S. Bach. Como principal referencial analítico foi utilizada a teoria desenvolvida por Heinrich Schenker (1868-1935), a qual utiliza recursos notacionais para a elaboração de um gráfico analítico comumente referido como ‘redução analítica’. Por questões de tempo, nos limitamos à exposição do concerto, que apresenta todo o material temático essencial do primeiro movimento: primeiro e segundo temas e seções de transição baseadas na manipulação do material temático.

Embora escrito para teclado solista, trata-se de um legítimo “Concerto Grosso”, em que se alternam “orquestra” e solista. Tal característica, obriga o performer a executar a peça sob o ponto de vista não apenas do solista, mas também a colocar-se no lugar regente, responsabilizando-se pelo conjunto completo. Um dos aspectos no qual a análise auxiliou a construção da performance, foi na conscientização da articulação entre orquestra e solista, propiciando uma visão unificada da obra. Neste sentido, a análise se converteu em estratégia de estudo e memorização, alimentando e justificando decisões interpretativas, facilitando a segmentação e organização do estudo ou “prática deliberada” (CHAFFIN; GERLING, 2017, p.65), além de servir de estímulo para a exploração da relação desta peça com outras obras do compositor que apresentam características composicionais semelhantes.

O Concerto Italiano BWV971, foi publicado como parte do *Clavierbung*, sendo uma das poucas obras publicadas durante a vida do compositor. Originalmente composta para cravo de dois manuais (teclados). Concerto italiano foi um gênero muito popular durante o período barroco, unindo o *concerto grosso* (grande grupo de músicos), com o *concertino* (pequeno grupo de solistas). Com tal formato, temos uma textura de conversa entre os dois grupos. Não apenas Bach, mas também, Vivaldi, Corelli, Handel compuseram concertos grossos. Bach recria este gênero em apenas um instrumento, marcando as dinâmicas *piano* e *forte* para o cravo em dois manuais, nos três movimentos da peça. De um ponto de vista técnico, a mecânica do cravo permite dobrar os registros se os teclados estiverem acoplados, assim, tocando uma nota, a mesma nota do outro manual soa ao mesmo tempo, gerando mais volume na representação do *concerto grosso*. Também pode-se separar os manuais, conseqüentemente gerando menos volume, e assim a dinâmica *piano*, que, no concerto italiano de Bach, representa o *concertino*.

O concerto inicia com o tutti da “orquestra” (lembrando que se trata de uma peça solo) apresentando o primeiro tema, em Fá maior (Figura 1).

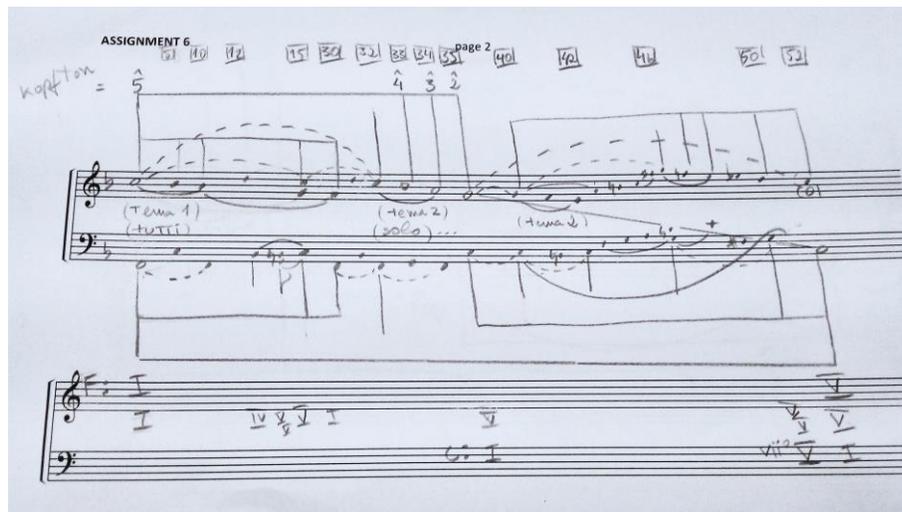


Figura 3. Exposição do primeiro movimento (c.1-52)

Do ponto de vista expressivo, o fato de o solista não repetir o primeiro tema após sua apresentação pelo conjunto orquestral lhe confere uma identidade temática própria e destacada, associando sua entrada a um tema de caráter improvisado (segundo tema) e a uma mudança textural e timbrística (melodia acompanhada).

Sobre o aspecto improvisatório da performance, é importante lembrar que, historicamente, o cravo é um instrumento virtuosístico, com grande tradição de improvisação e ornamentação, mesmo em peça completamente escritas.

Na minha performance, adicionei ornamentos principalmente na recapitulação do *tutti*, e também em algumas passagens do grupo menor de solistas (*concertino*). As alterações foram feitas durante a performance, tendo o caráter de improvisação. Não dispensei também, experimentar essa prática de “cravista” durante o processo de estudo, o que me proporcionou colecionar uma série de gestos, como por exemplo, aceleração do ritmo, adicionando mais notas à escala que antecede a CAP (cadência autêntica perfeita) em Fá maior, nos compassos 32 e 33, e à situação análoga em Ré menor, nos compassos 85 e 86.

Quase um ano após a performance do concerto italiano em uma apresentação pública na UDESC, continuo com todo o mapa mental da peça memorizado, conseguindo inclusive acessá-lo para experimentar novas ideias musicais para a lapidação e inovação, principalmente fora do instrumento. O concerto italiano tornou-se também uma das obras que pretendo incluir no meu recital de conclusão de curso. Uma chance de continuar usando a análise schenkeriana para respaldar e ser uma lupa na jornada pianística em diversos repertórios.

Palavras-chave: Concerto Italiano. Bach. Análise Schenkeriana.